



Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos
(Portugal-Brasil)



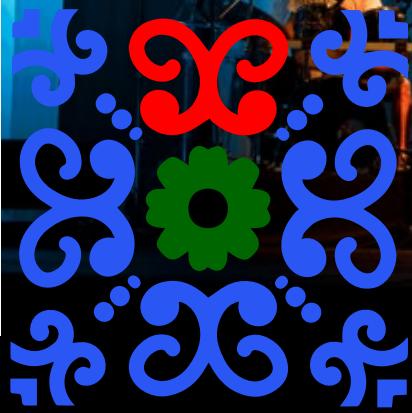
Apresentação do Projeto

ARAPY AGUASU – SINFONIA ENTRE DOIS MUNDOS é uma criação musical entre Portugal e Brasil. O projeto é uma criação de Norberto Cruz (Madeira - Portugal), juntamente com Eduardo Martinelli (Brasil), envolvendo a Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (OIMS) e músicos madeirenses, numa fusão da sonoridade portuguesa e da Indígena Brasileira. O projeto tem inspiração nas sonoridades das “Marés” e da “Mata”, com uma alusão às correntes marítimas que contribuíram para a ligação destes dois territórios e aos recursos naturais que caracterizam a ilha da Madeira e o Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil).

A OIMS é a primeira orquestra indígena do Brasil, caracterizando-se pela utilização de instrumentos da tradição europeia (instrumentos de arco), da tradição indígena (Flauta Terena, Tambor Terena, Chocalho Terena) e do Mato Grosso do Sul (viola caipira). A componente vocal também é muito presente devido à riqueza do cantor indígena. Exemplo disso é o Tangará Mirim, música na língua Guarani, nome associado ao pássaro sagrado da mata Atlântica que conta a origem do povo Terena.

Estas sonoridades irão encontrar-se com as sonoridades portuguesas (Madeira e continente), utilizando os instrumentos da tradição como bandolim, braguinha, viola de arame, rajão, guitarra portuguesa, numa fusão que irá descrever, através do som, as “marés” e as “matas”, rememorando as relações Brasil / Portugal através do legado cultural dos dois países.

Este projeto ganha, ainda, maior pertinência tendo como contexto a celebração do bicentenário do Tratado de Paz, Amizade e Aliança, também conhecido como o Tratado do Rio de Janeiro (29 de agosto de 1825), no qual Portugal reconheceu a independência do Brasil.



Associação de Bandolins da Madeira (ABM)



A Associação de Bandolins da Madeira (ABM), nasce em 2000 como promotora da prática do bandolim e da guitarra na Madeira.

Preservando este nome na sua génese, nos últimos anos tem vindo a expandir o seu âmbito artístico, incorporando nas suas criações outros instrumentos e universos musicais.

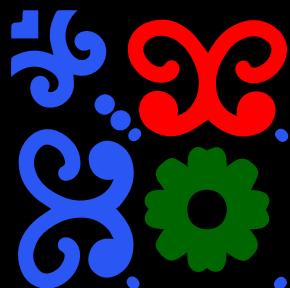
A ABM tem vindo a desenvolver espetáculos que passam por vários géneros, como a música eletrónica, instrumental acústico e worldmusic.



Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (Brasil)

A Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (OIMS) é fruto de um projeto social de ensino musical desenvolvido há 7 anos na aldeia urbana Darcy Ribeiro, na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

É o único grupo indígena brasileiro que toca música erudita.



Iniciativa da Fundação Ueze Zahran, teve início em 2015, tendo como parceiros institucionais a Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, o País das Crianças, o Instituto da Cultura Indígena e Copá Energia.





O grupo visa resgatar músicas do
cancioneiro brasileiro do Pantanal do
Mato Grosso do Sul e da tradição
indígena, realizando parcerias com
artistas, projetos e orquestras de
grande destaque nacional.





Com as suas apresentações, a Orquestra Indígena pretende difundir para o mundo a importância da preservação do meio ambiente e a mensagem que a cultura é um meio fundamental para o conhecimento e respeito entre todos os povos.

ORQUESTRA INDÍGENA DE CG



Único grupo indígena tocando música erudita do Brasil está em Mato Grosso do Sul; formação musical resgata a cultura, igualdade e valoriza o lado artístico da comunidade da aldeia urbana Darcy Ribeiro

Lívia Souza

Criada em novembro de 2015, a Orquestra Indígena de Campo Grande é resultado de iniciativas da aldeia urbana Darcy Ribeiro, localizada a 10 km de Pato Bragado. A iniciativa é da Fundação Unes Elias Zuluza, com 22 alunos atuantes nas salas de música, que vão desde o ensino da teoria à prática, com cítricos, violões, contrabaixo e viola sertaneja, visando resgatar a cultura, a igualdade e valorizar o lado artístico da comunidade. A orquestra é da Mato Grosso do Sul e é única no Brasil. Em ação as comemorações do mês da cultura indígena, data celebrada hoje (19), a orquestra está com um projeto na aldeia urbana Marapé de Souza, oferendo aulas de música à comunidade, no Memorial da Cultura Indígena Cacique Este Teixeira de Campo Grande, em parceria com a Fundação Sociedade Mato-grossense de Cultura e Turismo.

Dirigido pelo maestro Eduardo Martínez, os alunos da orquestra indígena também aprendem instrumentos de sopro e percussão, para auxiliar a evolução de música, que possibilita uma formação de grupo para apresentações.

Neste mês, o grupo já realizou uma série de apresentações. Na última sexta-feira (14), a orquestra participou do 'Nôit Indígena' no Memorial da Cultura Indígena, na aldeia urbana Marapé de Souza, já no domingo (16), os alunos se apresentaram no 1º 'Presto' (Festival de Todos os Povos), em Dourados. 'Sem dúvida, foi uma referência ao dia deles', destaca o coordenador Jardel Turtur.

Fruto de projetos sociais e culturais realizados na aldeia urbana Darcy Ribeiro desde 2006 com formação de orquestra e observa que motivos atraem mais motivados a seguir carreira profissional na música, como as aulas. 'Concepcionávamos acompanhá-los até o pré-vestibular, encorajá-los para a graduação de música e é isso que aconteceu em muitos projetos e aconteceu nesse. Já temos alunos que desempenham tarefas em seguradoras como mestre', pontua.

Investimento financeiro

Além disso, a orquestra indígena engaja recursos da Lei Rouanet, programa do governo federal que viabiliza a realização de eventos culturais como shows, festas, Imposto de Renda, entre outros. De acordo com o coordenador da Fundação Unes Elias Zuluza, o orçamento ainda ressalta que o grupo busca outros investimentos para que, futuramente, possa levar a orquestra a outras localidades do Brasil e mundo.

'Desse modo, leis de incentivo estadual e municipal, para levar cítricos com a orquestra em outros municípios, Estados e, quem sabe, países. A orquestra indígena é naturalmente exigida da cultura brasileira a gente pode levar o nome do nosso país com uma proposta indígena, levando a músicas e outras localidades do mundo', explica.

Com um repertório de músicas brasileiras de todas as regiões do país, inclusive a de



para este ano, a agenda da orquestra indígena já está com algumas datas fixadas. Em agosto, elas se apresentam no levado Encantado, em Mato Grosso. O grupo também participará do Festival da Cidade, em Brilhante, seis apresentações nos telões da Capital e dezenas gravados de videoclipes, ainda este ano, com shows itinerante e evenos a participação de outros grupos.

Toda ajuda para o projeto da orquestra, que atende a comunidade da aldeia urbana Darcy Ribeiro, do dia a dia da comunidade, é bem-vinda, seja a nível de contribuição financeira ou de forma de apoio. 'Também explicamos que, desde momento do pré-vestibular, elas estão buscando reverberar recursos para os próximos anos. Quando nos apresentamos em instituições particulares, prendemos um rótulo, reverberado aos alunos.'

SERVIÇO: Para quem se interessar em ajudar a Orquestra Indígena de Campo Grande, pode entrar em contato no telefone: (67) 99229-2175 (Jardel Turtur). O perfil no Instagram da orquestra é @orquestaindigenaoficial.



Márcio Góes do Nôit, a orquestra trabalha para introduzir um repertório exclusivo, criado pelo maestro, com temas indígenas, e também luta para registrar as músicas da etnia, para não perder as composições.

Além disso, a orquestra indígena de Campo Grande ainda vai levar uma mostra histórica. 'Tivemos várias opções de temas de shows, mas acreditamos que isso não se perde', explica Jardel.

A violonista Célia da Silva, 19 anos, está na orquestra desde 2013, quando o projeto foi criado, e faz aulas duas vezes por semana. Sua trajetória, ela conta que teve uma ecologia muito grande e afirma que a orquestra ainda vai ter uma trajetória histórica. 'Tive várias opções de temas de shows, mas acreditamos que isso não se perde', explica Jardel.

Projeto
Mais de 150 crianças e adolescentes da comunidade da aldeia urbana Darcy Ribeiro



Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos
(Portugal-Brasil)

Música & inclusão

Crianças aprendem a sonhar por meio da música orquestral

Méri Oliveira

Nem todos sabem, mas Campo Grande se destaca, também, pela música orquestral, que reúne profissionais de grande talento, altamente gabaritados e, até, com experiência internacional. Assim, neste aniversário de Campo Grande, o jornal O Estado foi conversar com os responsáveis pelo grupo, o maestro Eduardo Martinelli, já conhecido regente, e com o coordenador do projeto, Jardel Tartari, sobre a Orquestra Indígena de Campo Grande, confira.

De acordo com Jardel, coordenador e professor do projeto, a orquestra teve início no final de 2015, praticamente em 2016, e é uma realização da Fundação Ueze Zahran, com vários apoios, inclusive institucional, da Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, dos pais das crianças, do Instituto da Cultura Indígena, atualmente é patrocinado pela Copagril Energia e é uma iniciativa que hoje atende mais de 30 crianças, todas alunas de rede pública local e da comunidade indígena, principalmente.

"Sem dúvida, a principal mudança que vimos nesse projeto é a valorização da

cultura indígena, porque acabamos trabalhando com a música indígena, com a música mundial e, de certa forma, trabalhando exclusivamente com músicas da comunidade, da cultura indígena, e isso acabou trazendo uma valorização, de certa forma, para eles, que estavam de muitas formas perdendo o contato com a cultura indígena", explica o coordenador.

Para Eduardo Martinelli, professor e regente do projeto, um dos maiores desafios enfrentados em todos os anos de existência foi justamente a pandemia de COVID-19, mas que o maior desafio acaba sendo sempre o mesmo: "O desafio maior é realmente manter a criança no projeto, criar os estímulos necessários para que o projeto tenha continuidade, para que se desenvolvam, porque aprender música é uma coisa demorada. A gente tem que trabalhar bastante o psicológico dos meninos, fazer um passo a passo do ensino musical bastante adequado para que não tenha entraves, para que as coisas sejam fluentes.

E é com isso que a gente consegue manter a atenção e a continuidade do desenvolvimento do projeto".

Orquestra Indígena



Valores

Em 22 anos atuando em projetos sociais semelhantes, o regente afirma que o que mais percebe nas crianças é a maneira diferente de elas enxergarem valores e a reafirmação de suas capacidades. "Você não pode pegar nem um milhão de reais, ou de dólares ou de qualquer coisa e, de uma hora para outra, pegar uma criança e falar 'agora você toca isso'. Se ela não sabe tocar, não vai ter dinheiro que faça isso acontecer. Então, o valor de uma construção, o valor de aprender alguma coisa, o valor de desenvolver uma habilidade, faz com que o jovem ou a criança tenha uma visão diferente do que ela é, do que é capaz de fazer, de como se faz as coisas. Às vezes eu brinco com eles, são coisas assim que o dinheiro não compra de uma hora para outra, e normalmente são essas coisas que têm mais valor."

Violino e violoncelo

Karly Stéfany da Cruz Maciel, 16 anos, violinista, fazer parte do projeto é algo que a faz feliz. "O projeto me trouxe mais conhecimento da música, pretendo continuar nos estudos e fazer faculdade de música. Nas primeiras apresentações fiquei muito feliz e nervosa", relembra a adolescente.

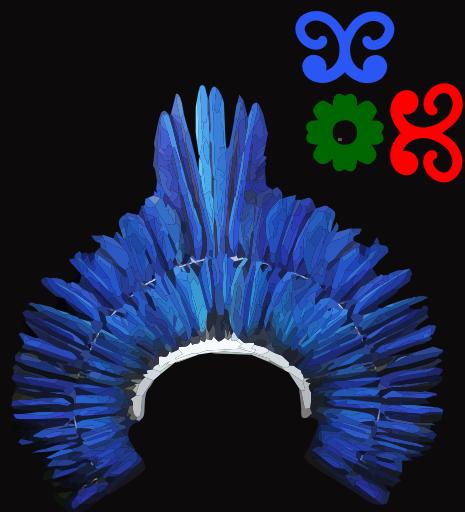
Já Dinacleia Pires Arruda, de 16 anos, violoncelista, afirma - brincando e entre risos - que entrou para a orquestra quando ainda era um bebezinho. "Me sinto feliz fazendo parte da orquestra, desde quando começaram o projeto, eu até chorei para conversar com a minha mãe e com o meu pai, falei que eu queria participar, e eles me colocaram. Lá eu tinha os meus colegas, que hoje não estão mais aqui".

Diferencial

Um dos diferenciais do projeto, de acordo com Martinelli, em relação a outros, é que é feito um trabalho de valorização da cultura indígena, por meio de arranjos orquestrais para canções que eram transmitidas apenas pela tradição oral indígena. "A gente tem, já, uma inserção de várias peças que são peças tradicionais de folclore indígena, porque o ensino do instrumento traz consigo já um repertório tradicional, de música clássica, de música popular brasileira até, e é acho que é bem bacana a gente poder fazer uso dessas ferramentas também, para que a gente possa fazer arranjos, adaptações de canções nesse sentido, de música tradicional indígena."







Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos

(Portugal-Brasil)